

CARTA PARA ALÉM DOS MUROS BIOLÓGICOS: PISTAS DE UMA BIOLOGIA MENOR E AFETOS POSSÍVEIS COM UM DOCUMENTÁRIO SOBRE HIV/AIDS

LETTER BEYOND THE BIOLOGICAL WALLS: CLUES TO A MINOR BIOLOGY AND POSSIBLE AFFECTIONS WITH A HIV/AIDS DOCUMENTARY

CARTA MÁS ALLÁ DE LAS PAREDES BIOLÓGICAS: PISTAS SOBRE UNA BIOLOGÍA MENOR Y POSIBLES AFECTOS CON UN DOCUMENTAL SOBRE EL VIH/SIDA

Tiago Amaral Sales¹; Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho²

Resumo

Este artigo é uma cartografia que se faz a partir dos encontros entre nós, professores e pesquisadores da educação em ciências e biologia, com o documentário “Carta para além dos muros” (2019), nos levando a pistas do que acreditamos serem biologies, educações, literaturas, cinemas e saúdes menores. Neste diálogo com o filme e outras produções - artísticas, acadêmicas, e... - o HIV/aids é pensado como território de vida, morte, saúde e doença que, na medida em que foi repleto de estigmas, também permite deslocamentos para pensar em outras biologies, outras educações, outras... possibilidades de se relacionar com a diferença para além de perspectivas unicamente biomédicas, contaminando subjetivamente em tentativas de rachar muros biológicos-duros, combatendo estigmas em frestas de vida.

Palavras-chave: Cartografia; Cinema e educação; HIV/aids; Biologia menor.

Abstract

This paper is a cartography that is made from the meetings between us, teachers and researchers in science and biology education, with the documentary “Letter beyond the walls” (Carta para além dos muros, 2019), taking us to clues of what we believe to be minor biologies, educations, literature, cinemas and health. In this dialogue with the movie and other productions - artistic, academic, and... - HIV/AIDS is thought of as a territory of life, death, health and disease that, to the extent that it was full of stigmas, also allows displacements to think in other biologies, other educations, others... possibilities to relate to difference beyond purely biomedical perspectives, subjectively contaminating in attempts to crack biological-hard walls, fighting stigmas in cracks of life.

Keywords: Cartography; Cinema and education; HIV/AIDS; Minor biology.

¹ Mestre em Educação - Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, MG - Brasil. Doutorando em Educação - Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista CAPES. Uberlândia, MG - Brasil.

E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com.

² Doutora em Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. Docente - Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, MG - Brasil. **E-mail:** lestevinho@gmail.com.



Resumen

Este artículo es una cartografía que se elabora a partir de los encuentros entre nosotros, profesores y investigadores de la educación en ciencias y biología, con el documental “Carta más allá de los muros” (Carta para além dos muros, 2019), que nos lleva a pistas de lo que creemos que son biología, educaciones, literaturas, cines y salud menores. En este diálogo con el cine y otras producciones - artísticas, académicas y... - el VIH/SIDA se concibe como un territorio de vida, muerte, salud y enfermedad que, en la medida en que estuvo lleno de estigmas, también permite desplazamientos para pensar en otras biología, otras educaciones, otras... posibilidades de relacionarse con la diferencia más allá de las perspectivas puramente biomédicas, contaminando subjetivamente en los intentos de romper paredes biológico-duras, luchando contra los estigmas en las grietas de la vida.

Palabras clave: Cartografía; Cine y educación; VIH/SIDA; Biología menor.

1 Começando um trajeto

Alguma coisa aconteceu comigo. Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar claramente sobre ela. Quando souber finalmente o que foi, essa coisa estranha, saberei também esse jeito. Então serei claro, prometo. Para você, para mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas por enquanto, e por favor, tente entender o que tento dizer. Caio Fernando Abreu - Primeira carta para além do muro (2014, p. 124).

Em 21 de agosto de 1994 o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu publicou um texto intitulado de “Primeira carta para além do muro” em sua seção do jornal *O Estado de São Paulo*³. Esta carta é repleta de enigmas, em uma linguagem povoada por imagens vindas de afetos intensos, porém difíceis de serem decodificadas. Nas semanas seguintes outras cartas também enigmáticas e direcionadas para “além do muro” foram publicadas. Por entre Anjos e famosos já falecidos como Cazuzu, Freddie Mercury e Hervé Guibert, Caio Fernando vai traçando uma tênue e intensa cartografia em torno de uma “Coisa Estranha” que aconteceu com ele. Na terceira carta, cujo título era “Última carta para além dos muros”, uma cortina se cai em meio a narrativas-confissões:

Gosto sempre do mistério, mas gosto mais da verdade. E por achar que esta lhe é superior te escrevo agora assim, mais claramente. Não vejo nenhuma razão para esconder. Nem sinto culpa, vergonha ou medo. Voltei da Europa em junho me sentindo doente. Febres, suores, perda de peso, manchas na pele. Procurei um médico e, à revelia dele, fiz O Teste. Aquele. Depois de uma semana de espera agoniada, o resultado: HIV positivo (ABREU, 2014, p. 131).

Caio denomina de “Coisa Estranha” um microorganismo que invadiu ou adentrou seu corpo, fazendo nele morada e desestabilizando fortemente sua vida até então. “O Teste”, com letras iniciais maiúsculas assim como a “Coisa Estranha”, autentica a verdade de um diagnóstico ditado pela medicina: o escritor fora infectado pelo HIV, vírus da imunodeficiência humana e possível causador da doença aids. Naquele período, meados da década de 90, a epidemia de HIV/aids assolava intensamente o mundo e gerava um gigantesco número de

³ Este texto juntamente das demais “cartas para além do muro” e diversos outros escritos de Caio Fernando Abreu foram posteriormente organizados no livro *Pequenas Epifanias* (ABREU, 2014).

mortos. Com pouquíssimas possibilidades de tratamento, a infecção era associada diretamente à morte. Dois anos depois, Caio morreu em decorrência da aids.

Os primeiros casos de aids foram notificados no Brasil no começo da década de 1980, período em que ocorria a saída do país da ditadura militar, ingressando no seu processo de redemocratização. Impulsionado por movimentos que buscavam direitos e maior liberdade para as minorias sociais - mulheres, pessoas LGBT+, negros, dentre outros -, aquele era um período de sonhos de outros “Brasis”. Abruptamente, a liberdade que se apresentava para tantos corpos foi impactada por uma doença desconhecida que levava rapidamente à morte das pessoas por ela diagnosticadas. Demorou-se anos para descobrirem o agente causador da aids - o vírus HIV -, conseguirem produzir testes para sua detecção e medicamentos eficazes para seu tratamento. As décadas de 1980 e 1990 foram marcadas por milhões de mortes em decorrência da aids mundo afora, sendo milhares destas no Brasil.

Os grupos inicialmente mais impactados foram as populações mais vulneráveis para a epidemia: homossexuais, pessoas trans/travestis, hemofílicos, usuários de drogas, trabalhadores do sexo/prostitutas. Estas populações foram rotuladas como “grupos de risco”⁴ pelas ciências médicas, gerando processos de intensificação do preconceito, estigma e marginalização social que nelas impactavam, perdurando até hoje. Em meados da década de 1990 descobriu-se que a combinação de diferentes medicamentos antirretrovirais poderiam frear a proliferação viral do HIV nos corpos infectados e, finalmente, surgiram tratamentos que evitassem as mortes das pessoas com HIV/aids. Em 1996, por decisão judicial inédita e graças ao movimento social de HIV/aids, o governo brasileiro garantiu o fornecimento gratuito de tratamento e medicação para as pessoas vivendo com HIV/aids do Brasil pelo Sistema Único de Saúde (SUS) com a aprovação da Lei 9.313 (BRASIL, 1996), consistindo em uma decisão inédita no mundo em relação ao enfrentamento da epidemia.

Hoje, mais de duas décadas depois, a aids continua a causar um grande número de mortes e afetar a vida de inúmeras pessoas mundo afora: segundo a UNAIDS, em 2019 cerca de “690.000 [500.000–970.000] pessoas morreram por causa de enfermidades relacionadas à AIDS” (UNAIDS, 2020, p. 1). Também em 2019, segundo a UNAIDS (2020), chegou-se à marca de cerca de 32 milhões de mortes em decorrência da aids e, naquele mesmo ano, existiam aproximadamente 38 milhões de pessoas no mundo vivendo com HIV. Em relação ao Brasil, “em 2019, foram diagnosticados 41.909 novos casos de HIV e 37.308 casos de aids”, registrando “10.565 óbitos por causa básica aids” (BRASIL, 2020, p. 8). Nestes territórios virais brasileiros, centenas de milhares de pessoas já morreram em decorrência da aids: “Desde o início da epidemia de aids (1980) até 31 de dezembro de 2019, foram notificados no Brasil 349.784 óbitos tendo o HIV/aids como causa básica” (BRASIL, 2020, p. 24). Hoje, mais de 900 mil pessoas vivem com o vírus no Brasil.

⁴ O termo “grupo de risco” é estigmatizante e pode gerar maiores processos de discriminação em relação às pessoas mais afetadas pela epidemia, afastando-as do acesso à informação, assim como das possibilidades de prevenção e tratamento do HIV/aids. Atualmente, busca-se substituí-lo pela reflexão acerca das vulnerabilidades que determinadas populações são colocadas sócio-econômico-histórico-culturalmente em relação à epidemia de HIV/aids.

A procura de instaurar verdades, as ciências biológicas entremeadas pela medicina destrincham os corpos como forma também de controlá-los, de exercer poder. Um poder sobre a vida, ou biopoder, como chamou o filósofo Michel Foucault (2019, p. 144):

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (FOUCAULT, 2019, p. 144).

Os corpos e também suas sexualidades já estavam na mira biomédica antes do período em que a epidemia de HIV/aids se alastrou. Não demorou para que os corpos vivendo com HIV/aids fossem também capturados por esta estratégia biopolítica, como chamava Foucault (2019, p. 144). Medicina e biologia, ciências em torno da vida que vasculham, buscam padrões, constroem estatísticas, rotulam. Assim, criaram-se discursos sobre a doença e o vírus a partir do momento em que estes foram encontrados pelos vasculhamentos biológicos, escrutinando as mortes e vidas afetadas. O antropólogo Néstor Perlongher (1987) afirma que não é surpreendente que “no caso da AIDS, na medida em que o vírus se transmite por via sexual, os conselhos médicos veiculem um disciplinamento das práticas sexuais, especialmente das homossexuais”, assim “o poder médico pode estar extraíndo, do episódio da AIDS, uma espécie de *mais-valia* moral” (1987, p. 70). Nestes discursos construídos, instauram-se verdades na medida em que são silenciadas as experiências subjetivas das tantas pessoas afetadas pela epidemia.

Escrever uma carta para além dos muros biológicos é atravessar a dureza das ciências naturais e chegar em espaços permeados por subjetividades e desejos: territórios da vida. Estariam então os muros biológicos, tidos como de estudo da vida, afastados da vida? Talvez, atravessar os muros biológicos seja também forjar, dentro da biologia, possibilidades outras de entender a vida e com ela interagir. Formas outras de se relacionar com o corpo-humano, corpo-biológico, corpo-afetivo, corpo-cultura. Corpo-vírus? Ao pensar em vírus, tomar deles a força de suas infecções para infectar espaços, corpos e vidas com afectos e perceptos. Nestas linhas que se seguem, mais do que falar de um retrovírus, buscamos cartografar dimensões subjetivas, históricas, culturais, sociais e afetivas da epidemia de HIV/aids. Cartografar, inspirados nos pensamentos de uma filosofia que caminhe pela diferença. Cartografar em movimentos de fuga aos muros e suas durezas:

Fugir não é renunciar às ações, nada mais ativo que uma fuga. É o contrário do imaginário. É também fazer fugir, não necessariamente os outros, mas fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema “vazar” como se fura um cano. (...) Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobre mundos através de uma longa fuga quebrada (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 30).

Fugir da rigidez, das estruturas maiores sedentas por poder, dominação e controle, sabendo que cair em suas duras linhas é possível a cada momento, processo que também pode ser vazado por outras fugas. Para tal, traçamos uma cartografia pelo documentário “Carta para além dos muros” (2019)⁵, mapeando-o: território aberto que dialoga também com os escritos de Caio Fernando Abreu, discursos biológicos, médicos e histórias de vidas que vivem e convivem com o HIV, na medida em que também forja (contra)pedagogias e possibilita educações. O documentário é tido aqui por nós como um artefato cultural-artístico capaz de potencializar discussões sobre corpos, gêneros, sexualidades e vidas permeadas pelo HIV e pela aids, sobretudo no Brasil, em conexões e diálogos intensivos e possíveis com o ensino de ciências e biologia.

Ao pensarem no que se pode “aprender com - e a partir de - um filme”, Dagmar Meyer e Rosângela Soares (2005) refletem que “as experiências do olhar nos interpelam e, de diversas formas, nos dizem sobre modos possíveis de sermos homens, mulheres, mães, jovens e outras tantas identidades sociais que constituem o ‘ser humano’” (MEYER; SOARES, 2005, p. 36). Nos encontros com imagens, vamos construindo, desconstruindo e reconstruindo nossas subjetividades. Assim, produções audiovisuais carregam uma grande potência de um aprender através do encontro, do contato, do corpo que olha, escuta, sente e se afeta.

O filme documental “Carta para além dos muros” (2019) foi produzido e dirigido por André Canto, estreado no ano de 2019 em diversos cinemas Brasil afora. Hoje, o mesmo encontra-se também disponível na plataforma de filmes e séries *Netflix*, que descreve-o como uma narrativa da “evolução do vírus HIV no Brasil ao longo de três décadas e mostra o estigma imposto a quem vive com a doença”⁶. Segundo o site da UNAIDS, por meio “da costura desta complexa colcha de retalhos, o filme investiga e expõe o estigma e a discriminação como produtos de uma sociedade que insiste em manter marginalizadas as pessoas que vivem com HIV, mesmo 30 anos depois do início da epidemia” (UNAIDS, 2019).

⁵ O site da Associação Brasileira de Cinematografia traz a sinopse e ficha técnica de “Carta para além dos muros” (2019). A sinopse: “Reconstrução da trajetória do HIV e da AIDS, com foco no Brasil, por meio de entrevistas com médicos, ativistas, pacientes e outros atores, além de farto material de arquivo. Do pavor inicial às campanhas de conscientização, passando pelo estigma imposto às pessoas vivendo com HIV, o documentário mostra como a sociedade encarou essa epidemia em sua fase mortífera ao longo de mais de duas décadas”. A ficha técnica: Direção: André Canto. Roteiro: André Canto, Gabriel Estrela, Gustavo Menezes e Ricardo Farias. Produção: André Canto. Fotografia: Carlos Baliú. Trilha Sonora: Roberto Prado. Estúdio: Canto Produções. Montador: Ricardo Farias. Distribuidora: Descoloniza Filmes. Disponível em: <https://abcine.org.br/site/carta-para-alem-dos-muros/>. Acessado em 12/02/2021.

⁶ Presente no site da plataforma *Netflix* <https://www.netflix.com/title/81213977> e acessado no dia 28/01/2021.

Nosso encontro com o documentário aconteceu através das redes sociais, ao acompanhar profissionais da saúde e pessoas vivendo com HIV que falam abertamente de suas sorologias positivas para o vírus, como também de suas vivências. A produção audiovisual foi divulgada nestes meios - páginas de influenciadores digitais, coletivos e organizações que abordam temáticas relacionadas ao HIV/aids e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis - e chegou até nós em um bom encontro. Assistindo-o, nos afetamos de diversas formas, levando-nos por trajetos da história do HIV e da aids no Brasil, em diálogo com acontecimentos mundiais. Percebemos uma grande potência no documentário de, mesmo em flertes com discursos biomédicos, fugir das narrativas unicamente biologizantes, permeando as vidas afetadas pelo vírus com sensibilidades, dando vazão para as subjetividades marcadas pela epidemia.

Partindo do lugar de professores e pesquisadores da educação em biologia e ciências, algumas questões nos movimentaram, em consonância com Vinícius Bastos (2020, p. 214): “O que pode um professor de Biologia diante da epidemia do HIV e AIDS? Como trabalhar questões atuais da epidemia sem recorrer ao discurso biomédico como primeira instância? Como contribuir para minimizar o estigma social associado ao HIV? Que experimentações são possíveis?” (BASTOS, 2020, p. 214). Assim, nos colocamos no movimento de *cincartografar*⁷ essa produção audiovisual, caminhando por suas forças e potências, pensando no documentário como trajeto de afetos-educativos: na medida que o corpo que assiste se afeta, também desestabiliza as noções anteriormente existentes, carregando a potência de embrionar germes de devires, de deslocamentos, de mudanças. Estes caminhos perpassados pelas produções audiovisuais podem contaminar os territórios das casas, dos cinemas e também das escolas: aulas de biologia contaminadas? E, quiçá, quebrar estes muros: muros da escola, da casa, do cinema, das ciências. Movimentos em desejos de quebrar muros dos estigmas e da biomedicalização total da vida.

2 Cincartografias para além dos muros

Cenas em um ônibus que se misturam com um olhar-comum. Cenas cotidianas das regiões mais movimentadas da capital paulistana que, enquanto caminham, se misturam com uma narrativa. Sem mostrar seu rosto, uma voz relata um diagnóstico biomédico com dia e data que marcaram uma vida, desestabilizando-a, deslocando-a. Fim de uma vida? Começo de outra vida?

Paisagens atuais da capital paulistana em meio a arranha-céus, concreto e fluxos de pessoas que se deslocam para o “verão do romantismo” no Rio de Janeiro em 1982, em praias, sungas, biquínis e celebrações. Clima festivo em relatos de um passado que não existe mais. *Topless*, celebração, beijo, tesão. Sexo? Narrativas de saudades que coexistem com uma nova

⁷ Nosso grupo de estudos e pesquisas tem produzido, pensando e pesquisado em diálogos com imagens, produções artísticas e audiovisuais. Sendo assim, o termo *cincartografia* já vem sendo trabalhado por outros integrantes e, em especial, por Keyme Gomes Lourenço.

forma de morte até então desconhecida que se coloca. “É impensável que qualquer um de nós pudesse, de repente, se familiarizar com a rotina da morte. Se fazer da tragédia humana uma rotina ou banalizar isso tudo é que me parece surpreendente”⁸. Relatos do passado da dermatologista Valéria Petri, médica que diagnosticou os primeiros casos de aids na América Latina, se misturam com falas atuais, construindo cartas-cartográficas do vírus HIV no Brasil e no Sul global⁹.

O filme vai se construindo em composições de recortes de imagens do passado e do presente, costuradas com falas atuais. Os arquivos de outros tempos - da década de 1980 ao período próximo da gravação do documentário - se passam em lugares diversos: centros urbanos, praias, hospitais, materiais jornalísticos mundiais, shows, dentre outros. As cenas também nos transportam para o movimento da capital paulistana em um trajeto que conecta com a atualidade do momento no qual o filme foi gravado. Já as falas atuais acontecem em uma sala-estúdio, espaço cinza com portas vermelhas abertas. Por entre as portas é possível ver cenas de movimentos de uma grande cidade. O que pede passagem nestas portas? Quais vazões possibilitam?

O vermelho das portas nos afeta em relação ao sangue e desejo. Vermelho-vivo que também dialoga com imagens do HIV e da aids. Vermelho vivo de portas abertas para uma cidade do presente, cidade-viva, cheia de pessoas. Vermelho do sangue que circula nessas pessoas? Vermelho da cidade movimentada por pessoas vivas? Vermelho do HIV e da aids que marcaram e continuam marcando intensamente estas tantas vidas? Os personagens ao falarem no filme o fazem ao lado direito destas grandes portas vermelhas abertas com imagens do movimento urbano em sua abertura, enquanto estão sentados em uma cadeira, mas as cadeiras vão se alterando ao longo dos trajetos audiovisuais. Assim como as pessoas que lá estão são diferentes, as cadeiras também mudam, em diversidades de cadeiras, narrativas e experiências.

Trajetos entre Norte e Sul. Primeiros rastros de uma epidemia que se disseminou mundo afora. Manchas, “bolhas assassinas”, Sarcoma de Kaposi¹⁰. Diagnósticos, terror, morte, preconceito. Homens, “cafajestes”, “invertidos”. “Promiscuidade”, “peste”, “doença que veio dos Estados Unidos”. “Grupos de risco”: “quatro H: homossexuais, heroinômanos, hemofílicos e haitianos”. Construção de imagens binárias de uma doença do outro, de grupos específicos, segundo o médico infectologista Ricardo Tapajós¹¹. “Peste-gay” e “Câncer Gay”: tanto a doença quanto o estigma afetando diretamente os homossexuais. Falas de acadêmicos e ativistas

⁸ Trecho da fala da médica Valéria Petri presente no minuto 7 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

⁹ Utilizo aqui a noção de Sul Global em diálogo com as epistemologias do Sul, como propõe Boaventura de Sousa Santos: “o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural (SANTOS, 2020, p. 15)”. Este Sul se refere aos territórios marginalizados e que fogem do Norte global, hegemônico e imperialista.

¹⁰ O Sarcoma de Kaposi é um tipo de câncer comum em pessoas com aids, gerando manchas e lesões nos tecidos acometidos, como a pele e mucosas.

¹¹ Falas do médico Ricardo Tapajós presentes nos minutos 11-12 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

vão compondo os trajetos-documentais iniciais em costuras com cenas que remetem a um contexto epidêmico inicial, enquanto se rememora os começos, as dores de um passado na década de 1980 repleto de sofrimento e povoado de mortes e preconceitos.

Tensões do Norte-e-do-Sul entre poder médico e resistência das dissidências sexuais. Nestas tramas, o protagonista do documentário, Caio, começa a mostrar sua cara¹² sem revelar seu rosto, na medida em que vai entrelaçando suas narrativas com as tantas outras que se fazem presentes. Com nome fictício, Caio descobriu sua sorologia positiva para o HIV cerca de um ano antes de gravar as entrevistas. Suas falas vão se misturando a outros relatos, em cartografias dos trajetos do vírus no Brasil.

Em meio a narrativas e tensões de poder e controle, resistências também se fazem na medicina, em combate à transmissão-viral do HIV e do preconceito, pois como afirma Michel Foucault (2013, p. 105), “onde há poder há resistência”. Em muitos momentos, o protagonismo médico manteve-se hegemônico, tanto na construção de narrativas ao longo da história do HIV/aids quanto no documentário, por meio do poder de falar e instaurar verdades. Nesta produção audiovisual, mesmo os discursos produzidos por médicos fogem a visões ultra medicalizantes da vida, abrindo-se para caminhos das memórias, das histórias, dos desejos e das subjetividades. Nessas tramas hegemônicas, vozes de pessoas que vivem e convivem com o vírus vão se compondo em uma ressonância.

“Eu acho que existe uma epidemia médica, mas existe também uma espécie de epidemia moral em torno disso. As pessoas às vezes têm medo da aids tanto pela morte quanto pelo estigma. Eu acho que seria muito interessante que essa coisa não fosse nem criminalizada nem estigmatizada”, reflete Herbert de Souza¹³, conhecido por Betinho, militante em defesa das pessoas com HIV/aids e outras causas sociais, como a “Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida”. Betinho era hemofílico e, como seus irmãos e tantos outros que possuíam a hemofilia, foi infectado e faleceu em decorrência da aids.

Narrativas sobre a década de 1980 vão se costurando com as de Caio, personagem principal do documentário que conta suas experiências contemporâneas em relação ao HIV. Ora cenas de um passado distante, ora cenas próximas do presente. Entre elas, uma dura linha permanece entremeando-se: o estigma. Como Betinho pensou décadas atrás, o estigma continua aterrorizando as vidas afetadas pelo vírus como no passado, colocando-as em lugares de monstruosidade, perigo e marginalidade, mesmo que tanto se tenha avançado do início da epidemia até a atualidade. Caio reflete sobre seus anseios, medos e afetos em relação à descoberta de sua sorologia, evidenciando os tantos muros que ainda se formam em torno das vivências com HIV e aids no Brasil contemporâneo.

¹² Inspirado na música Brasil, de Cazuza.

¹³ Trecho da fala de Herbert de Souza presente no minuto 28 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).



Gerações dizimadas no passado: hemofílicos, homossexuais, travestis, prostitutas, populações marginalizadas... Passado e presente embaralhados. “Eu acho que a aids caiu como uma luva, modelinho perfeito da direita e da igreja. (...) Eles nunca estiveram tão elegantes com uma coisa, e deselegantes”¹⁴, relata o cantor e compositor Cazuza por meio de sua voz enquanto imagens de grafites que se inspiram nele e em outros artistas, como Caio Fernando Abreu, aparecem em uma movimentada região de uma cidade, transportando-nos em seguida para uma imagem de Cazuza em preto e branco com os braços abertos e com um sorriso no rosto. Braços abertos pela sua abertura com a vida, com o mundo e com sua fragilidade? Braços abertos para ser crucificado? Braços abertos das cobaias de uma direita cristã ultraconservadora? Enquanto a voz de Cazuza continua o relato, uma interposição de áudios nos transporta para uma de suas músicas ao fundo, pouco a pouco tornando-se o som principal da cena... “Me tire dessa jaula, irmão, não sou macaco desse hospital maquiavélico...”¹⁵

“O papel da igreja nessa história toda foi um papel criminoso”¹⁶, afirma Drauzio Varella ao aparecer sentado no cenário dos relatos atuais do documentário, porém com uma diferença: entre as portas vermelhas é possível ver um grafite em um muro de uma rua movimentada com uma imagem de Jesus, enquanto carros e pessoas passam. Varella relembra da oposição que o cristianismo fazia em relação ao uso da camisinha, colocando como solução o sexo dentro do casamento. Oposição conservadora-criminosa com cheirinho de restauração, como afirma Perlongher (1987, p. 52): “Há, na crise da AIDS, todo um cheirinho de restauração. Chegou-se longe demais, paga-se agora a culpa pelos excessos libidinosos! Um retorno ao casal, uma volta à família, a morte definitiva do sexo anônimo e impessoal” (PERLONGHER, 1987, p. 52).

Pedagogias do terror, do medo e da violência em momentos que a aids era praticamente uma sentença de morte. Quantas destas pedagogias ainda continuam sendo propagadas nas campanhas governamentais, nos livros didáticos e nas argumentações de professores e professoras no ensino básico e superior?

Relatos de mulheres com HIV participam do trajeto-fílmico. Mulheres infectadas pelo vírus? Denise Martin (1997) já afirmava em meados da década de 1990 as condições que vulnerabilizam as mulheres em relação ao HIV e a aids. A autora, em uma revisão bibliográfica, traz diversas situações que tensionam e intensificam estas vulnerabilidades:

¹⁴ Relatos de Cazuza presente nos minutos 34-35 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

¹⁵ Música Cobiada de Deus, de Cazuza e Angela Ro Ro, a qual aparece durante o minuto 35 do documentário “Carta para além dos muros” (2019) na voz de Cazuza.

¹⁶ Trecho da fala do médico Drauzio Varella presente no minuto 38 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

A dificuldade da mulher exigir do parceiro o uso da camisinha; o não-questionamento sobre o comportamento do parceiro; a crença na capacidade das mulheres de conhecerem seus parceiros; a importância da fidelidade e da confiança; o fato de as mulheres já usarem outro método de contracepção; o questionamento do comportamento do companheiro poder levar ao abuso verbal, violência ou perda do parceiro; a dependência financeira do parceiro; a crença de que a camisinha reduz o prazer sexual; o tabu de falar sobre sexo; o fato de a mulher pedir para usar camisinha poder significar uma condenação de seu próprio comportamento; o não-uso da camisinha significar o desejo de uma relação estável; a associação do uso da camisinha com comportamentos desviantes e imorais... (MARTIN, 1997, p. 91).

Medicamentos, coquetéis, medos e efeitos colaterais. Mais uma vez aparece o personagem Caio sem que seu rosto seja mostrado, enquanto sobe uma escada rolante saindo do metrô no bairro República, região central de São Paulo, sendo possível avistar o Edifício Itália, marco histórico dos movimentos arquitetônicos modernistas brasileiros e do crescimento econômico da capital paulistana. Dessa vez, o protagonista do documentário relata seus desconhecimentos e pavores em relação ao que pensava ser o tratamento do HIV atual, tendo referências apenas dos tratamentos existentes no passado, como o remédio AZT. Em seguida, o antropólogo e presidente da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) Richard Parker, juntamente do psicólogo, antropólogo e vice-presidente da ABIA Veriano Terto Jr contam, no documentário, que antes dos primeiros medicamentos de tratamento da aids serem aprovados no Brasil, comissários de bordo traziam escondidos estes remédios para ajudar pessoas que estavam doentes¹⁷, em cenas que se entrecruzam com seus corpos sentados próximos às portas vermelhas e imagens do passado de voos, aeroportos e aviões.

Cenários de solidariedade em meio ao caos e a morte. Em seguida, o cineasta Jean Claude de Bernardet, juntamente do relato de outras pessoas que vivem com HIV há décadas, relembram os efeitos colaterais “infernais” que viveram no passado devido ao complexo e tóxico tratamento que existia naqueles momentos. Diarréias, mais de trinta comprimidos diários e lipodistrofia fazem parte dos efeitos sentidos e que tanto afetaram seus corpos. Paradoxalmente, em paralelo e conexão com estes relatos de décadas de vivência com HIV, médicos contam do começo da terapia combinada de antirretrovirais, levando a uma melhora rápida de pacientes que estavam fortemente doentes.

A ativista e professora Nair Brito foi a primeira pessoa no Brasil a conseguir ter os remédios para a aids custeados pelo governo, participando do que desencadeou em uma revolução no país. Cenas do documentário relatam sua trajetória para ter esta conquista que, posteriormente, reverberou em tantas outras vidas, na medida em que a decisão que concedeu seu direito a um tratamento custeado pelo governo foi expandida para todas as pessoas vivendo com HIV e aids do país. Nair Brito, juntamente de diversas outras pessoas vivendo e convivendo com HIV e aids no Brasil, através da militância, atuaram diretamente na defesa de

¹⁷ Relatos presentes nos minutos 51-52 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

seus direitos de permanecerem vivas e com saúde. Em 1996 foi aprovada a Lei nº 9.313 que garante que “Os portadores do HIV (vírus da imunodeficiência humana) e doentes de AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) receberão, gratuitamente, do Sistema Único de Saúde, toda a medicação necessária a seu tratamento” (BRASIL, 1996). Avanços como o acesso universal e gratuito a medicamentos que freiem a infecção só foram possíveis graças a posicionamentos coletivos de enfrentamento da doença e defesa das vidas por ela afetadas.

Relatos do passado, palavras do presente, olhos no futuro. Caio, personagem principal do documentário, nome fictício, professor. Suas narrativas vão se enveredando com as tantas outras presentes no documentário, porém, por ter sua sorologia recém-descoberta somada a inúmeros outros fatores e complexidades, ele não se mostra completamente em relação ao HIV. Ao não mostrar seu corpo nem revelar seu nome real, Caio escancara outras imagens da experiência de viver com HIV: imagens do estigma que levam a um silenciamento compulsório, ao medo de falar de si e de expor-se. Em cenas seguintes, a educadora social Brunna Valin expõe abertamente suas experiências vivendo com o vírus, afirmando também os porquês e como falar: falar para dividir suas vivências, compartilhar informações. Falar das experiências, do que se vive, do que passa um corpo, uma vida, como afirma Larrosa (2011). Experiência como território da pluralidade: “a experiência, portanto, é o espaço em que se desdobra a pluralidade. A experiência produz pluralidade” (LARROSA, 2011, p. 17).

Falar e criar com as experiências é produzir em territórios de diferenças, em movimentos potentes, plurais e resistentes. Tanto o falar quanto o silêncio são pedagogias. Em relação ao HIV e a aids, o *silêncio* pode se basear em uma pedagogia do medo, solidificada pelo estigma e discriminação, enquanto o *falar* em uma pedagogia de resistência, força e informação, criando rachaduras em muros tão duros e antigos.

Nas próximas cenas, um relato que nos desloca para contextos do presente. Sentada em uma cadeira vermelha combinando com as portas abertas e com seu batom, a médica infectologista e ativista Márcia Rachid¹⁸ aparece em cena afirmando que: “A doença não sumiu. A infecção pelo HIV está aí, mas as pessoas fingem que ela não existe, porque ela não tem mais cara. E aí com isso ela também se transforma no mesmo pesadelo de 30 anos atrás, porque as pessoas não sabem lidar quando aparece. E aí eu vejo uma pessoa jovem que entra em desespero por causa de um diagnóstico de uma coisa que eu digo assim ‘você está chorando por causa de qual problema? Porque este problema aí que você está chorando eu vi a trinta anos atrás, hoje em dia não tem mais não’. Aí a pessoa leva um susto, porque a não revelação de uma coisa que deveria ter sido simplificada faz com que o mistério permaneça. E aí vem a história do ‘precisamos falar sobre isso’”.

¹⁸ Trecho da fala da médica Márcia Rachid presente no minuto 65 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

Na fala de Márcia, paradoxos mostram que, mesmo que hoje as pessoas se infectem pelos mesmos vírus de décadas atrás, potencialmente altamente mortíferos, existem possibilidades outras para suas vidas: possibilidade de tratamento, de qualidade de vida, de atingir a indetectabilidade e tornar-se intransmissível, podendo se relacionar, ter filhos que nascerão sem se infectar, viver sem desenvolver aids ou morrer em decorrência deste vírus. Uma vida hipoteticamente quase "normal", mas pela existência de tamanho estigma em torno da infecção pelo HIV, o diagnóstico leva a processos de deslocamento e marginalização de uma vida. Outro paradoxo é pensar que, mesmo com um tratamento altamente eficaz e com poucos efeitos colaterais, milhares de pessoas continuam morrendo todos os dias em decorrência da aids no mundo, inclusive no Brasil. Para estas tantas pessoas os tratamentos não chegam a tempo: seja pela ausência de um sistema de saúde que lhes forneça, pela pobreza ou pelo estigma que afastam dos diagnósticos e medicamentos. Talvez, os muros do preconceito e da desigualdade continuem tão duros e grandes quanto décadas atrás, urgindo a necessidade de saltá-los, rachá-los, quebrá-los.

Seguindo no documentário, uma cadeira vazia é ocupada por Caio. O personagem-sigiloso ocupa um espaço sem ninguém, invisível, escondido pelo preconceito na medida em que encontra brechas para poder falar. Em suas falas, indaga-se os porquês de seu sofrimento ser tão diferente e por ele considerado como maior do que caso fosse diagnosticado com diabetes. Este sofrimento existe, dentre inúmeros fatores e complexidades, pois, por se transmitir principalmente através do sexo, o HIV e a aids carregam os tabus, moralidades, estigmas e preconceitos ligados à sexualidade, e os sujeitos infectados pelo vírus são marcados de diversas formas ao receberem o diagnóstico.

Cenas que focam no contemporâneo, no presente, no agora. Discussões seguem-se considerando o HIV como “doença crônica manuseável”, como afirma o médico Artur Timerman¹⁹ ao citar as classificações defendidas pela Organização Mundial da Saúde. Seria hoje o HIV algo simples de se controlar, manusear? Quais problemáticas existem no discurso que rotula as experiências soropositivas para o HIV como vivências permeadas por uma “doença crônica”?

A antropóloga Thurka Sangaramoorthy (2018) critica a noção de cronicidade do HIV e o discurso de um “fim da aids” sendo possível e próximo. Por meio de etnografias que atravessam narrativas de pessoas vivendo com HIV, em especial mulheres negras que moram nos Estados Unidos, Sangaramoorthy (2018) relata que viver com HIV é estar permeado de muitas complexidades, dores, estigmas, e que o próprio tratamento pode trazer diversos danos ao corpo durante o envelhecimento, além de compor rotinas e afetá-las de formas diversas. A autora propõe que o HIV seja visto como uma crise vivida e vivenciada por muitas pessoas mundo afora, e não uma doença crônica:

¹⁹ Trecho da fala do médico Artur Timerman presente nos minutos 66-67 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

Se quisermos entender o discurso do “fim da aids” como um momento crítico que indica uma mudança na nossa compreensão do HIV e das vidas que ele impacta, então é imperativo que rastreiem as maneiras pelas quais a lógica da cronicidade do HIV, como um sinal de progressão para um futuro livre de doenças, mascara a contínua desvantagem daqueles que são pobres e socialmente marginalizados. (...) Proponho uma reorientação dessa lógica de cronicidade para uma que considere o HIV como uma crise vivida e vivenciada por muitos no mundo (...) A cronicidade do HIV, então, faz muito pouco para substanciar a lógica do ‘fim da aids’; antes, reforça a possibilidade infinita de sofrimento, pobreza e doença (SANGARAMOORTHY, 2018, p. 3-4, tradução nossa).

O documentário segue com falas que discutem a alta tecnologia existente atualmente que condiz com o tratamento do HIV, sendo este considerado tecnicamente como “besta” e “fácil” pelo médico Ricardo Vasconcelos²⁰, porém, por ser uma infecção permeada por inúmeras outras complexidades além-biológicas, complexidades sociais e culturais atravessadas por desigualdades e marginalizações, este tratamento que potencialmente poderia ser simples, torna-se altamente complexo. LGBTfobia, racismo, pobreza, machismo: problemáticas que se multiplicam e intensificam, vulnerabilizando diversos corpos e fragilizando suas vidas, levando ao que Micaela Cyrino chama no documentário de a aids ser um viés de “genocídio da população negra”²¹. Complexidades que racham um muro ambíguo que tenta cronificar as existências com HIV e aids, na medida em que invisibiliza uma gama de situações que vulnerabilizam, marginalizam, gerando sofrimentos e mortes.

“A gente fala muito da violência e das mortes, dos homicídios LGBTfóbicos, né? A gente tá sempre contando e isso é muito importante. Mas, ninguém fala do número de LGBTs mortos por aids. Em 2015, morreram 3600 homens gays, bissexuais e mulheres trans/travestis de aids, que é um número dez vezes maior do que os mortos por violência. Ou seja, se a gente pode considerar isso um genocídio, e acho que no sentido amplo da palavra genocídio acho que pode ser considerado, *o principal mecanismo do genocídio LGBT, dos homens gays, bissexuais, das mulheres trans e transexuais não é a violência, é a aids*”, afirma Carué Contreiras²², médico e ativista, em sua fala presente no documentário. Palavras que visibilizam as facetas do genocídio existente através da aids e dos silêncios que escondem, mascaram e desviam as atenções, como se esta questão fosse resolvida. A aids torna-se também uma faceta de violência contra a população LBGT+, deixando-a à mercê da morte ao estigmatizá-la, marginalizá-la, vulnerabilizá-la.

²⁰ Trecho da fala do médico Ricardo Vasconcelos presente nos minutos 68-69 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

²¹ Trecho da fala da artista e ativista Micaela Cyrino presente nos minutos 70-71 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

²² Trecho da fala do médico e ativista Carué Contreiras presente nos minutos 72-73 do documentário “Carta para além dos muros” (2019). Grifos nossos.

Olhar para as violências que acontecem com as populações historicamente dissidentes, como mulheres trans, travestis, homens gays e bissexuais é de extrema importância, e a aids é também uma forma de violentar, de deixar morrer, na medida em que estes corpos marginalizados são também vulnerabilizados, seja pela falta de informação ou de condições econômicas, sociais e físicas de se prevenirem e tratarem. Corpos que, em suas marginalidades, desvalorizados, excluídos, são deixados para a morte, como argumenta Michel Foucault (2013, p. 149-150):

Se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta, atualmente, ao velho direito de matar; mas é porque o poder se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça e dos fenômenos maciços de população. (...) Pode-se dizer que o velho direito de *causar* a morte ou *deixar* viver foi substituído por um poder de *causar* a vida ou *devolver* a morte (FOUCAULT, 2013, p. 149-150).

Pensando com Foucault (2013), percebemos que estas tramas de controle da vida se enveredam nas relações entre saúde e doença, corpo e sexualidade, permeando completamente a epidemia de HIV/aids e as subjetividades por ela afetadas. Nestes caminhos, evidenciamos um Estado que se fortalece a partir do controle da vida, fornecendo também diagnósticos, acompanhamentos terapêuticos e medicamentos para muitos poderem viver, na medida em que deixa tantos outros a mercê da morte. Deixar-morrer pode ser de forma físico-biológica em decorrência da aids e de outras complicações orgânico-psicológicas, como o suicídio, e também uma morte social-subjetiva, a partir da invisibilidade, marginalização e silenciamento das experiências afetadas pelo vírus.

Ao fim do documentário, as ideias sobre prevenção, ações intersetoriais, gênero e sexualidade são alinhavadas através da educação, que é considerada por falas como possibilidades de prevenir novas infecções, combater o estigma, atuando no cuidado com o corpo e a vida. “PEP, PrEP, profilaxias diversas”²³ existentes tornam-se conhecidas por Caio apenas após se infectar pelo HIV²⁴ - por que Caio não teve acesso a estas formas de prevenção? Será que sua e tantas outras infecções poderiam ter sido prevenidas? O trabalho na educação assume grande importância para falar acerca do HIV nas escolas, nas casas, nas ruas... em todos os territórios em que exista desejo, movimento de vida.

²³ A PEP consiste na Profilaxia Pós-Exposição ao HIV e a PrEP na Profilaxia Pré-Exposição ao HIV. Ambas são métodos de prevenção ao HIV, sendo a PEP utilizada após uma possível exposição de risco de infecção pelo vírus, e a PrEP antes. Estas e outras opções de prevenção combinada são oferecidas gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde do Brasil. Para saber mais sobre estes e outros métodos de prevenção ao HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), acessar o site do Ministério da Saúde <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/previna-se> (acessado em 30/04/2021).

²⁴ Trecho da fala do personagem Caio presentes no minuto 79 do documentário “Carta para além dos muros” (2019).

Tramas compõem as cenas do documentário por entre prevenções combinadas e moralidades. Fala-se em indetectabilidade. Indetectável = Intransmissível? Hoje é consenso científico de que pessoas vivendo com HIV indetectáveis não transmitem o vírus. Assim, tais evidências levaram o Ministério da Saúde do Brasil a emitir uma nota informativa oficial em 2019 que afirma que “evidências científicas recentes corroboram a afirmação de que pessoas vivendo com HIV (PVHIV) em terapia antirretroviral (TARV) e com carga viral indetectável há pelo menos seis meses não transmitem o vírus HIV por via sexual” (BRASIL, 2019, p. 1), informando também sobre a importância de se falar nestes conhecimentos cientificamente construídos que são consenso mundo afora, participando também do cuidado da saúde das pessoas vivendo com HIV e combate do estigma a elas imposto como marca-eterna. É importante também enfatizar que atingir a indetectabilidade do vírus demanda condições de acesso a um diagnóstico e tratamento adequado, sendo hoje ainda um privilégio não atingido por muitas pessoas que vivem com o vírus, estando distante de suas realidades. Nesses aprendizes, percebemos que hoje uma das principais barreiras no que diz respeito à vida das pessoas com HIV e aids é o estigma atrelado às desigualdades, levando tantos a não se testarem, não se tratarem, não terem acesso a um diagnóstico e tratamento, desencadeando inúmeras mortes.

Atritos em (des)educações. Movimentos (des)educativos que agenciam afetos além das noções biomédicas, mas também sensíveis e subjetivos. “O vírus está muito mais presente no nosso imaginário do que no nosso corpo propriamente dito”²⁵. Uma educação menor? Um estudo da vida menor? Cenas compostas por notícias dos desmontes das políticas públicas em relação ao HIV/aids no Sistema Único de Saúde brasileiro vão encerrando a produção audiovisual. Um trecho das cartas de Caio Fernando Abreu acompanhado pela música Blues da Piedade, de Cazusa, finaliza o documentário:

²⁵ Trecho da fala presente no minuto 83 do documentário “Carta para além dos muros” (2019) feita pelo cantor e youtuber Gabriel Estrela sobre experiências de viver com HIV, a indetectabilidade atingida através dos medicamentos antirretrovirais, tornando-o intransmissível e também reduzindo sua quantidade de vírus em seu corpo a praticamente zero.

Aceito todo dia. Conto para você porque não sei ser senão pessoal, impudico, e sendo assim preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo. Sei que você compreende. Sei também que, para os outros, esse vírus de *science fiction* só dá em gente maldita. Para esses, lembra Cazuza: “Vamos pedir piedade, Senhor, piedade, pra essa gente careta e covarde” (ABREU, 2014, p. 131)²⁶.

3 Infecções, contágios e pistas de uma educação e(m) biologia menor

E se nos pusermos a pensar em educar como um cão que cava seu buraco, um rato que faz sua toca? No deserto de nossas escolas, na solidão sem fim - mas superpovoada - de nossas salas de aula não seremos, cada um de nós, cães e ratos cavando nossos buracos? Silvio Gallo (2002, p. 170)

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2017), ao dialogarem com as obras de Kafka, pensam em uma literatura menor. “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (2017, p. 35). Esta literatura menor se faz em territórios maiores, na medida em que encontra ou cria brechas. Os autores apresentam três características principais para pensar nessa literatura menor:

As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida) (DELEUZE; GUATTARI, 2017, p. 39).

Esta literatura menor é feita pelas minorias, nas línguas das minorias e forjando os territórios minoritários. É, em sua criação, um ninho de devires, potência desterritorializadora, agenciamento coletivo altamente político. Em diálogo com o conceito de Literatura menor de Deleuze e Guattari (2017), Sílvia Gallo (2002) realiza um “deslocamento conceitual” (GALLO, 2002, p. 172) e coloca-se a pensar em uma educação menor:

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira, como a toca do rato, o buraco do cão. Sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política

²⁶ No fim do documentário “Carta para além dos muros” (2019), o personagem Caio lê este trecho de forma abreviada, porém decidimos citá-lo ampliadamente aqui. Assim, o documentário se finda ao som de Cazuza e a música “Blues da Piedade” enquanto uma pessoa de costas caminha pelo centro paulistano. Em seguida, ainda ao som da canção de Cazuza, diz-se que o filme é uma homenagem a Caio Fernando Abreu e todas as pessoas que morreram devido a aids no Brasil e no mundo, fala-se um pouco sobre o personagem Caio e finaliza-se com notícias dos anos de 2018 e 2019 anunciando o desmonte, sucateamento e precarização das políticas públicas relacionadas à prevenção e tratamento do HIV/aids no Brasil. Segue-se com os créditos e, após eles, Jacqueline Cortês aparece em uma última fala relembrando das experiências felizes vividas na Boate Medieval (1971-1984) e de seus bons encontros com Alcides. Jacqueline foi a primeira pessoa a falar no documentário, sentada ao lado das portas vermelhas, relatando suas vivências e os encontros com Alcides, seu amigo que morreu em decorrência da aids. O filme finaliza-se também com uma fala dela sobre suas vivências com Alcides, porém não focando em seu adoecimento e morte, mas sim em seus momentos de alegria, desejo e potência de vida.

educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância (GALLO, 2002, p. 173).

Educação como revolta aos duros muros que se colocam como currículos-rígidos, professores-autoritários, grades-horárias e grades das escolas. Pensar em uma educação menor é revoltar-se e resistir a estas durezas.

Se a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível. Desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle (GALLO, 2002, p. 175).

O que escapa à norma que rotula e marginaliza? O que é possível afetar-se a partir de um documentário que foge do discurso maior biomédico-patologizante? Uma educação menor em diálogo com um documentário sobre HIV/aids? Uma educação menor em diálogo com perspectivas outras de ver e lidar com a vida? Uma educação sobre a vida... Uma biologia menor? Sandro Santos e Matheus Martins (2020) realizam outro “deslocamento conceitual”. Em diálogo com Deleuze, Guattari e Gallo, Santos e Martins (2020) propõem uma educação em biologia menor:

A educação em Biologia menor está implicada num regime que desfaz uma totalidade orgânica que encerra subjetividades e experiências do sujeito. Uma máquina de resistência (GALLO, 2016) que arranca o lugar fixador dos corpos, gêneros e sexualidades, modificando-os “n” vezes, mergulhando-os num campo de ligações e operações com o campo biológico, social, histórico, dentre outros. Uma biologia menor produz um processo de afirmação e abertura de reinvenções de modos singulares dos corpos, gêneros e sexualidades, possibilitando esburacamentos e/ou fissuras em sua educação maior (SANTOS; MARTINS, 2020, p. 149).

Uma biologia menor, como propõe Santos e Martins (2020), que possibilite rachar a biologia maior, criar fissuras nas noções científicas que reduzem os corpos e suas experiências a apenas suas organicidades. Resistir em linhas de fuga: abrir-se à multiplicidade, às diferenças que existem nas pluralidades de formas de vida. Fugir da aula-dura, rígida, sem espaço para o diálogo, para o que difere das normas historicamente construídas. Fugir do que segrega as dissidências sexuais, que invisibilizam experiências, que marginaliza, que exclui.

A biologia, campo de conhecimento que, como afirma Luis Henrique dos Santos (2000, p. 254), “tem uma história que, longe de ser natural, é construída no tempo, tendo suas marcas, compreensões, valores... O natural da História Natural/da Biologia é uma narrativa, entretecida por outras histórias, que dá sentido e coerência ao mundo”. Biologia, narrativas construídas, forjadas em meio a interesses políticos, culturais, sociais e econômicos, se mostra como “territórios movediços, compostos por ditos e vistos sempre provisórios e em disputa, correndo

o risco, a todo o momento, de esburacarem e se desmancharem nas fissuras” (SANTOS; MARTINS, 2020, p. 150). Fissuras que quebram, racham, espaço rico para a proliferação de diferenças: “são n(as) fissuras que interessamos e apostamos na existência de possibilidades de inventar outras educações em biologia, de outros modos e desde outros lugares, insurgências de uma biologia menor” (SANTOS; MARTINS, 2020, p. 150). Pensar, junto de Santos e Martins (2020) em possibilidades de uma biologia menor e nos movimentar por entre perguntas...

De que modo abrir espaços na biologia maior? Como abrir espaços para outras possibilidades de corpos, gêneros e sexualidades? Seria possível fazer alianças com o menor? Como agenciar um funcionamento menor da biologia que esburaca a sua educação maior? A quem se aliar? Com isso, temos interessado pelos devires e pelas fissuras que arrastam os ditos da educação em biologia para lugares outros, lugares que ela ainda des-conhece, e, pelas suas potencialidades de inventar outras educações em biologia (SANTOS; MARTINS, 2020, p. 150).

Um documentário sozinho não consegue rachar uma estrutura maior de conhecimento, mas suas narrativas podem carregar a potência destrutiva de infectar alguns muros já ultrapassados: muros do preconceito, da biologização e medicalização extrema da vida, muros que retiram a subjetividade, a diferença e o desejo da vida ou apresentam modelos únicos de existência, cerceando os devires e multiplicidades, logo, matando a vida mesmo em vida. Muros do paradoxo rachados pela abertura ao diferente. Pelas imagens, sons, trajetos e histórias perpassados no documentário buscamos possibilidades de romper com as noções estigmatizantes que rotulam as experiências afetadas pelo HIV e a aids como monstruosas, como reflete Vinícius Bastos (2020, p. 216):

Uma figura HIV soropositiva monstruosa precisa ser criada e recriada pelos discursos normativos como a outra, estando assim subordinada à HIV soronegativa para fazer desta desejável ou um status de saúde a ser preservado, seja na rede sociotécnica científica, nas redes sociais, na escola, ou em qualquer outra trama social (BASTOS, 2020, p. 216).

Enfrentar as imagens de monstrosidade e estigmatização das vidas afetadas pelo HIV e pela aids é também criar novas pedagogias, anti-pedagogias-hegemônicas, educações menores, biologias menores. Seja em um hospital, em um cinema, em uma casa ou em uma escola, afirmar a diferença e multiplicidade que existe na vida é forjar uma educação em biologia menor. Uma educação em saúde menor?

Um professor de Biologia pode ir além das abordagens biológico-higienistas redutoras da vida e produtoras de medo/estigma social ao trabalhar com educação em saúde, desenvolver processos mais afetivos e transformadores do modo de pensar. Isto não implica no abandono do conhecimento biológico, mas sim usar do mesmo para pensar juntamente com modos de vida e não para impor modelos de como os modos de existência e práticas devam ocorrer (BASTOS, 2020, p. 237).

Continuando nas pistas menores, de uma educação-biologia menor, Bastos (2020) realiza outro “deslocamento conceitual” ao também dialogar com Deleuze, Guattari e Gallo, propondo uma educação em saúde menor ao forjar como caminho os estudos em torno de uma educação em HIV/aids. O autor propõe que pensar nessas possibilidades outras de educar não é abandonar o conhecimento biológico, mas abrir-se para as diferenças existentes na vida, não utilizando das ciências para produzir padrões e formas únicas de existir.

Como podemos nos afetar com esse documentário? Quais educações possíveis ele agencia? Em que ele nos desloca e permite pensar em uma biologia menor? Em uma educação menor? Em uma educação em biologia e saúde menor? O filme tenciona a ciência ao fugir de um discurso científico-médico-biológico maior que retira a subjetividade dos sujeitos e os reconhecem exclusivamente como corpos orgânicos, organismos seccionados e, no caso do HIV/aids, corpos doentes, marginalizados, minimizados, na medida em que são intensamente escrutinados, vigiados, disciplinados, normalizados e normatizados. Este discurso maior é paradoxal pois, na medida em que coloca estes corpos infectados como monstruosos e anormais, engendra uma série de discursos, mecanismos e práticas para normalizá-los.

Pelo documentário, encontramos brechas para pensar em perspectivas outras: olhares que reconheçam e enfrentem o estigma, a violência e marginalização que acontece com os corpos dissidentes, como homossexuais, travestis/transsexuais, mulheres, negros e pobres, observando suas ampliações em diversas facetas nas interseções com o HIV e a aids; olhares que percebam e vizibilizem a vida que existe nos corpos infectados pelo vírus, as histórias e memórias que compõem a trama que foi e continua sendo traçada em torno da aids; olhares que vazam à perspectiva que vê apenas um vírus, indo ao encontro de desejos, possibilidades de vida, de dor e também de prazer. Com estes outros micro-olhares, consideramos que o filme possibilita engendrar educações e(m) biologia, saúde e HIV/aids menores, estando estas voltadas para o corpo, o desejo e a subjetividade, politicamente se afirmando em defesa da vida a partir da instauração de territórios menores altamente potentes e também infecciosos, capazes de contaminar aqueles que com eles se encontram.

Com “Carta para além dos muros” (2019), refletimos acerca de subjetividades produzidas e afetadas por uma epidemia que transpõem dimensões biológicas, médicas e epidemiológicas. Também nos encontramos com traços da história do HIV e da aids no Brasil. Pensamos nas vidas perdidas e nas tantas que continuam vivas e impactadas pelo vírus, nas novas tecnologias e possibilidades de viver e conviver com o vírus, como também que com um tratamento e cuidado eficaz das vidas com HIV é possível não desenvolver a aids, atingir a indetectabilidade e ter uma vida com potência, porém demandando atitudes políticas de acesso ao cuidado da saúde e combate do estigma.

Um documentário, filme, literatura, educação ou biologia menor é sempre coletivo. Mesmo que germine em questões subjetivas que parecem unicamente pessoais, é, molecularmente, feito em manada, criado por diversas vozes e levando-as conjuntamente. Seriam as cartas de Caio Fernando Abreu também literaturas menores? Desterritorializando a



língua, a biomedicina, altamente políticas e, mesmo no fundo de seu caráter autobiográfico, totalmente coletivas, partindo de suas experiências dissidentes como gay e soropositivo para o HIV, se conectando viralmente com tantas outras experiências e infectando quem lê, em movimentos de devires-minoritários: devir-homossexual, devir-soropositivo, e... Seria o documentário um filme menor? Ou, caso não seja, teria potências menores, cenas menores?

“Também no âmbito de uma educação menor corremos o risco da reterritorialização, da reconstrução da educação maior” (GALLO, 2002, p. 177). Falar das potências de um documentário não é isentá-lo de críticas. Em fugas também é possível cair nas tramas maiores, nos flertes com discursos biomédicos, nas vozes que concentram-se nas vivências das metrópoles e regiões mais ricas do país, nos discursos de cronicidade que aparentam certa tranquilidade em momentos os quais corpos marginalizados e dissidentes continuam vulneráveis à epidemia de HIV/aids, enquanto diversos corpos soropositivos ao vírus continuam padecendo pela aids.

Encantar-se pelas frestas que se abrem. Manter-se aberto e atento a tudo que chega. Talvez seja nas brechas que um encontro entre corpos forja que exista a potência de afetar-se: corpos-cinema, corpos-aula, corpos-biologia, corpos-educação, corpos-literatura, corpos-e... quem sabe, nestes encontros-férteis seja possível fecundar vidas. Talvez seja infectando a biologia maior, contaminando os campos científico-duros com perspectivas outras, filosóficas, sociológicas, artísticas, antropológicas, em movimentos que causem estranhamento e atritos, que encontremos força para saltar ou rachar os muros maiores. Nestes encontros-menores, abri-se para a diferença, pensar em perspectivas outras de saúde, e educação, e biologia, e literatura, e cinema, e... viralizar pelos territórios possíveis. “A vida grita. E a luta continua” (ABREU, 2014, p. 132).

Referências:

ABREU, Caio Fernando. **Pequenas epifanias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2014.

BASTOS, Vinícius Colussi. Educação em saúde menor: análise de uma proposta de experimentação diante a epidemia de hiv e aids. In: FALEIRO, Wender; SANTOS, Sandro Prado; SANGALLI, Andreia. **Ciências da natureza para a diversidade**. Goiânia: Kelps, 2020. Cap. 9. p. 212-240.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico: HIV/Aids I 2019**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/boletim-epidemiologico-hiv-aids-2020>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9313, de 13 de novembro de 1996**. Dispõe sobre a distribuição gratuita de medicamentos aos portadores do HIV e doentes de AIDS. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **NOTA INFORMATIVA Nº 5/2019-.DIAHV/SVS/MS**: informa sobre o conceito do termo indetectável = intransmissível (i = i) para pessoas vivendo com hiv (pvhiv) que



estejam em tratamento e com carga viral do hiv indetectável há pelo menos 6(seis) meses. Ministério da Saúde. Brasília. 2019b. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/legislacao/nota-informativa-no-52019-diahvsvsms>. Acesso em: 18 out. 2020.

CARTA PARA ALÉM DOS MUROS - HIV E AIDS NO BRASIL

#PrecisamosFalarSobreIsso. Produção de André Canto. Roteiro: André Canto, Gabriel Estrela, Gustavo Menezes, Ricardo Farias. 2019. Color.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 157 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013. 176 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 10 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 27, p. 169-178, jul-dez. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>. Acesso em: 04 fev. 2021.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.

MARTIN, Denise. Mulheres e Aids: uma abordagem antropológica. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, n. 33, p. 89-101, mar./mai. 1997.

MEYER, Dagmar E. Estermann; SOARES, Rosângela de Fátima; Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Org.). **Caminhos investigativos III**: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.

PERLONGHER, Néstor. **O que é aids**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 92 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020. 32 p.

SANGARAMOORTHY, Thurka. Chronicity, crisis, and the ‘end of AIDS’. **Global Public Health**, [S.L.], v. 13, n. 8, p. 982-996, 11 jan. 2018. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/17441692.2018.1423701>.

SANTOS, Luís Henrique dos; A biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, M. V. (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 229 - 256.

SANTOS, Sandro Prado; MARTINS, Matheus Moura. Entre encontros e ensino de biologia e gêneros e sexualidades: sopros e insurgências de uma biologia menor. **Revista de Ensino de**



DOI: <http://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.484>

Biologia da Sbenbio, [S.L.], p. 141-152, 7 jul. 2020. Revista de Ensino de Biologia.
<http://dx.doi.org/10.46667/renbio.v13i1.314>.

UNAIDS. **Estatísticas mundiais sobre o hiv**: resumo informativo. 2020. Disponível em:
https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2020/11/2020_11_19_UNAIDS_FactSheet_PORT_Revisada.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

UNAIDS. **Filme escreve ‘uma nova Carta para Além dos Muros’ para acabar com o estigma sobre o HIV**. 2019. Disponível em: <https://unaid.org.br/2019/10/filme-escreve-uma-nova-carta-para-alem-dos-muros-para-acabar-com-o-estigma-sobre-o-hiv/>. Acesso em: 04 fev. 2021.

Recebido em fevereiro de 2021.
Aprovado em abril de 2021.

Revisão gramatical realizada por: Tiago Amaral Sales
E-mail: tiagoamaralsales@gmail.com

